

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

O ofício de “humanista”, ontem e hoje

BELMIRO FERNANDES PEREIRA



LISBOA • 2025

Título: O ofício de “humanista”, ontem e hoje

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2025

DOI: <https://doi.org/10.58164/46gq-hb46>

O ofício de “humanista”, ontem e hoje

BELMIRO FERNANDES PEREIRA

Embora tenha feito boa parte da sua formação no âmbito da literatura grega, e nunca a tenha descurado, Américo da Costa Ramalho, ainda aluno de licenciatura, fez do humanismo em Portugal o seu principal campo de investigação, área até então pouco estimada e assaz desconhecida. A orientação que havia de imprimir a seis décadas de labor contínuo de certo modo já se entrevia. Em 1945 dava à estampa o *Catálogo dos manuscritos da BGUC relativos à Antiguidade Clássica*, instrumento útil para divisar até que ponto a tradição clássica foi recebida e cultivada na universidade portuguesa e noutras instituições de ensino. Um pouco antes, com apenas 22 anos, já Costa Ramalho publicara uma nota filológica “Sobre a data da morte de Diogo Cão”, infirmação do valor probatório da legenda do mapa de Henricus Martellus Germanus que havia de reconfirmar mais tarde. O conhecimento do latim e da história da língua latina mostrava-se decisivo para a correcta interpretação das fontes documentais. Nestes trabalhos juvenis se distinguem já duas marcas da investigação que viria a desenvolver: o humanismo entendido como convívio diuturno com os textos greco-latinos segundo critérios de rigor filológico e crítico, a exigência de conhecimento das línguas clássicas. O orgulho de saber latim viria a justificar-se cada vez mais: afinal o latim nos sécs. XV e XVI afirmou-se não só como língua da *res publica litteraria*, indispensável à comunicação entre os doutos, mas também como matéria, corpo e discurso, do renascimento de uma nova civilização global.

Com os descobrimentos e navegações, mais ainda, por via da invenção da imprensa, o alargamento físico e intelectual do mundo reclamava não uma revolução que fizesse tábua rasa da cultura precedente, mas sim uma *restitutio litterarum*, a “rinascitâ” das artes, a instituição dos *studia humanitatis*. Na verdade assim podemos entender o humanismo, como programa cultural que forma eruditos, o cortesão, o homem douto. Mas nem por isso tal movimento de renovação pedagógica deixa de contribuir para a progressiva escolarização das populações, para aquilo a que alguém já chamou incipiente cultura de massas. O humanismo

oferece o ideal pedagógico, retórico, moral do *uir bonus dicendi peritus*, do homem de bem que é capaz de se expressar em público, o mesmo é dizer, do *optimus ciuis*, do estadista, como queria Cícero no *De oratore* e no *De re publica*, um programa educativo que pela sua própria natureza visa a criação de uma civilização universal, ao mesmo tempo europeia, cosmopolita mas também geradora de apropriações, ajustamentos, resistências e particularismos. *El sueño del humanismo*, como o apresentou Francisco Rico, gera também “un rêve de renaissance”, título de livro recente, que frisa quanto o humanismo dos sécs. XV–XVI se constitui como história polimórfica da recepção da tradição clássica, património, herança, espólio e influência¹. Se não se tiver em conta os *studia humanitatis*, a *translatio studii*, a articulação entre os *studia humanitatis* e a *dignitas hominis*, a formação da *respublica litteraria*, dificilmente se entenderá a Europa moderna, assente sobre a palavra antiga, como almejava Lorenzo Valla nos prólogos das suas *Elegantiae*.

Ora, se importa saber como o humanismo italiano se fez europeu e a Europa se tornou humanista, não há dúvida de que, com uma vida dedicada ao estudo desta época, Costa Ramalho contribuiu decisivamente para se compreender até que ponto o humanismo se ambientou a Portugal e em que grau e modo a cultura portuguesa na época dos descobrimentos se tornou humanista.

Para esta antistrofia julgo que muito concorreu o facto de o nosso homenageado valorizar sobretudo a natureza didáctico-pedagógica do movimento humanista, consubstanciada nas artes da palavra renovadas pela reprise da tradição de um cânone clássico de textos literários e preceptísticos. Para P. O. Kristeller, e para muitos depois dele, convém não esquecer, os humanistas do *Quattrocento* são herdeiros dos mestres da *ars dictaminis*, continuam e desenvolvem o legado gramatical e retórico dos medievais, essas *artes sermocinales* que, pela distância histórica, pela consciência crítica e pela imitação dos antigos, se transformaram nos *studia humanitatis*. Como se sabe o termo humanismo é recente, data do séc. XIX, mas *umanista* na Itália do tempo de Petrarca significa antes de mais oficial de um certo ofício, o membro de uma corporação. Humanistas são os mestres e estudantes que professam as humanidades greco-latinas. À semelhança de jurista, decretalista ou

¹ Vd. RICO, Francisco. *El sueño del humanismo: de Petrarca a Erasmo*, Barcelona, Crítica, 2002; GARCÍA JURADO, Francisco. *Teoría de la tradición clásica*, Ciudad de México, UNAM, 2016; CROUZET, Denis *et al.* *L'humanisme à l'épreuve de l'Europe (XVe-XVIe siècles). Histoire d'une transmutation culturelle*, Ceyzérieu, Champ Vallon, 2019.

canonista, formou-se na universidade medieva o termo *umanista* para designar quem faz do latim o seu ofício. É neste ponto que gostaria de insistir.

Como ninguém antes, Américo da Costa Ramalho não só estudou o processo de introdução do humanismo em Portugal observando a acção de humanistas de ofício, de Justo Baldino e Mateus de Pisano a Cataldo Parísio Sículo, mestres italianos que preparam e consolidam o ambiente cortesão que permite o envio de bolseiros para Itália no tempo de D. João II, como também deu a conhecer os primeiros frutos dessa influência nas controvérsias gramaticais em que intervêm os mestres portugueses João Vaz, Estêvão Cavaleiro, Aires Barbosa ou Lourenço de Cáceres. Por isso, na crítica aos negociantes do “trigo sarnento” de Pastrana, no *prologus* da sua *Noua grammatices marie matris dei uirginis ars*, Cavaleiro em 1516 poderá afirmar que não está isolado, que conta com juízes imparciais como Diogo Pacheco, Luís Teixeira, Francisco Cardoso e Cataldo, “*oratores disertissimi, necnon et poetae clarissimi, qui Latinam linguam non solum optime callent, sed etiam et docuere et docere hodie optime possunt*”. A todas estas figuras, sobretudo ao magistério e à obra de Cataldo, dedicou Costa Ramalho importantes capítulos nos vários volumes dos seus Estudos. Foi por esta via que nos chegaram os ensinamentos de Lorenzo Valla ou de Angelo Poliziano. Na verdade o conhecimento de textos e contextos só se torna possível por esse saber de ofício, pelo saber gramatical e retórico.

Ora, precisamente, por assim o entender, Costa Ramalho escolheu como texto inaugural da sua antologia de textos humanísticos portugueses, intitulada *Latim Renascentista em Portugal, a oratio* que D. Garcia de Meneses pronunciou perante o papa Sisto IV em 1481, discurso que impressionou a Cúria Romana e Pompónio Leto, fundador da Academia Romana.

A essa *oratio* deliberativa de um bispo guerreiro, meio medieval, sobre a necessidade e utilidade de fazer guerra ao Turco, considerou-a Costa Ramalho “uma das produções mais brilhantes do Humanismo em Portugal”, visto tratar-se de um “discurso, estilística e ideologicamente notável, escrito — sem exagero — em magnífico latim que ainda hoje se lê com surpresa, pois tal não seria de esperar de um português, em 1481”². No meu entender, é este o termo *a quo* do

² Vd. RAMALHO, Américo da Costa. *Latim Renascentista em Portugal*, Coimbra, INIC, 1985, pp. 2-25; *Para a história do Humanismo em Portugal*, vol. II, Lisboa, FCG, 1994, p. 111, e vol. III, Lisboa, INCM, 1998, p. 17.

humanismo em Portugal, indicador seguro de quanto a cultura portuguesa se encontrava já bem alinhada com o movimento do humanismo europeu.

A força natural, a frescura da eloquência de Garcia de Meneses — ciceroniana mas pré-ciceronianista — quase um século depois viria a ser apreciada pelos mais conspícuos dos tulianos moderados. É o cronista Gaspar Barreiros quem o declara. Procurando entrar nos meios do ciceronianismo devoto, na Roma de Paolo Manuzio e Marc-Antoine Muret, Barreiros junta à estupefacção de Pompónio Leto os louvores recentes de Sadoleto. Corroborando a justeza das observações do cardeal, que guardava cópia do discurso de D. Garcia de Meneses, Barreiros salienta que no caso do bispo de Évora nem o estudo lhe desonrava os títulos de nobreza, nem as letras lhe embotavam o gume das armas, tal a distinção, a dignidade, o ornato e esplendor oratório daquele discurso. Barreiros não sabe que mais admirar, se a harmonia na disposição das palavras e adequação de conceitos, se a abundância e agudeza de pensamentos, a experiência e saber da arte militar ou a ciência geográfica e cabal conhecimento da História e das demais disciplinas. “Nesta oração, conclui, encontrarás nervo, músculo e sangue e não a expressão descarnada e seca de certa eloquência insípida que se fia da prolixa acumulação de palavras ocas, como vemos alguns praticarem no intuito de impressionar não com o peso dos assuntos mas com o ritmo e ruído das palavras³”.

Por fim, elogiando a *actio* do orador, refere o cronista a reacção que ela provocou em Pompónio Leto. Admirando não só a linguagem em que se expressava D. Garcia mas também “as expressões perfeitas, o fulgor eloquente do olhar, toda aquela impressionante actuação de corpo e alma”, terá o humanista perguntado ao próprio Sisto IV: “Santo Padre, quem é esse bárbaro que se exprime com tanta facúndia?⁴”

Em debates suscitados em aulas ou conferências quando alguém citava teses ou hipóteses tão brilhantes quanto infundamentadas, com um misto de ironia e

³ “*Nam quae species, quae dignitas, qui orationis splendor et ornatus? Quam concinna uerborum collocatio et quam propriorum conformatio? Quam uberes et acutae sententiae? Quantus usus et quanta rei militaris disciplina? Quam perfecta maritimarum et terrestrium regionum scientia et quam completa historiarum caeterarumque rerum cognitio apparet? In qua tu oratione Coeli deprehendes neruos, succum et sanguinem, non ieunam et exilem uel ineptam quandam eloquentiam, multa inanum uerborum congerie fidentem, tanquam innumeris et garrulis perstrepentem uocibus non rebus, uti nonnullis usu uenire uidemus (...)*”.

⁴ “*Pater sancte, quis est iste barbarus qui tam diserte loquitur?*”.

de orgulho, costumava Costa Ramalho repetir a admiração do humanista italiano para lhe acrescentar a pergunta sacramental “E sabe latim?”

Sabendo bem como a eloquência orientou e veio a dirigir os *studia humanitatis*, enquanto escopo e fim da formação do homem douto, seja cortesão e orador, eclesiástico e pregador, ou discreto *gentiluomo* e conselheiro, Costa Ramalho interessou-se pelas provas supérstites dessa pedagogia que privilegiava a aquisição de proficiência oratória. Traduziu ou promoveu a tradução de:

– orações de sapiência, proferidas na Universidade e no Colégio das Artes (foram estas coligidas e reeditadas recentemente num volume dos *Portugaliae Monumenta Neolatina*);

– orações de entrada, discursos do género epidíctico que celebravam as entradas régias, o poder do rei que fazia e desfazia marqueses e duques; no plano nacional a nova cultura humanística servia como factor de distinção, fonte de honra e proveito;

– orações de obediência, apresentadas ao Papa quando mudava o rei ou o pontífice romano; a política internacional servia-se igualmente desta oratória epidíctica, de aparato, como sucede por exemplo na *oratio* de Gaspar Gonçalves que em 1585 apresenta a Gregório XIII a obediência dos príncipes japoneses que formavam a missão enviada a Roma e à Europa pela Companhia de Jesus; as vicissitudes dessa ermbaixada foram divulgadas em latim no diálogo de Duarte de Sande que também Costa Ramalho estudou e traduziu.

Ao outro género oratório preferido pelos humanistas, a carta, dedicou Costa Ramalho ainda maior atenção. Centenas de cartas de humanistas foram editadas, traduzidas e comentadas pelo nosso mestre em volumes isolados, na antologia de textos do latim renascentista, nos volumes de estudos.

Assim, a índole retórica do humanismo em Portugal se tornou mais nítida; a *epistola* e a *oratio*, afinal, foram sempre as formas oratórias mais estimadas na república das letras. A acção política no plano interno e externo, a divulgação dos descobrimentos, a reflexão sobre o encontro de culturas, as mudanças na sociedade e na cultura portuguesa dos sécs. XV e XVI ficaram mais bem conhecidas por via desse uso pragmático da palavra pública. Sem o trabalho do Professor Américo da Costa Ramalho e, já agora, sem a liberdade que dava aos seus orientados, tal não teria acontecido. No meu caso sem essa orientação segura, sem essa desinteressada liberdade, bem patente em episódios que não deixaram de ter a

sua graça, não me teria sido possível estudar a produção e a recepção da retórica clássica e humanista em Portugal. Guardo grata memória da generosa longanimidade de Costa Ramalho. Foi essa a maior lição que recebi do Mestre. Foi já em condições muitos penosas que acompanhou a conclusão da minha dissertação de doutoramento. Fui o último orientando do Doutor Costa Ramalho — apenas porque me estendi mais do que devia. No entanto, apesar de a tese ter crescido na proporção da demora, e de aparentemente se afastar do tema que me tinha sido sugerido, mereceu-lhe toda a atenção. Com graves limitações de visão o Doutor Ramalho quis ouvir ler de fio a pavio essas largas centenas de páginas. Foi o episódio mais comovente de uma amizade e dedicação que não podia deixar de testemunhar aqui publicamente, nela envolvendo a dedicadíssima Dr.^a Regina Costa Ramalho, a quem me declaro igualmente muito grato. Ao Doutor Carlos André agradeço esta oportunidade e a todos vós a gentileza de me ouvirem. Tenho dito.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 26 DE OUTUBRO DE 2021

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 13 DE JANEIRO DE 2024